



A administração concomitante de dois ou mais medicamentos pode induzir efeitos farmacológicos mais acentuados (sinergismo), menos eficazes ou nulos (antagonismo), ou causar reações adversas de intensidade variável. Interação medicamentosa refere-se, pois, à alteração no efeito terapêutico ou interações medicamentosas são tradicionalmente classificadas em *farmacocinéticas* e *farmacodinâmicas*. As primeiras resultam de alterações na cinética de um fármaco por outro e podem ocorrer em qualquer etapa da farmacocinética: absorção, biodisponibilidade, distribuição, ligação às proteínas plasmáticas, metabolismo hepático e excreção (hepática ou renal). A forma mais comum de interação farmacocinética é a indução ou a inibição do metabolismo e/ou a eliminação de um fármaco por outro e o conseqüente aumento ou redução da concentração sanguínea (estado estável) de um deles. As interações farmacodinâmicas ocorrem no local de ação do fármaco, em geral nos receptores ou nas estruturas intimamente ligadas a eles, mas também por diferentes mecanismos farmacológicos, não mediados por receptores, quando os medicamentos exercem efeitos similares ou antagônicos, levando a aumento da redução da atividade farmacológica de um dos medicamentos.

A hipertensão arterial é doença de alta prevalência, sobretudo na população idosa. O conceito moderno do tratamento anti-hipertensivo privilegia a associação de dois ou mais fármacos, separadamente ou associados em um mesmo comprimido. Isso permite atingir em maior proporção as metas pressóricas recomendadas pelas diretrizes de diversas sociedades médicas, inclusive a Sociedade Brasileira de Cardiologia e a Sociedade Brasileira de Hipertensão. Permite, também, reduzir os efeitos colaterais e as reações adversas, observados com as doses máximas de cada fármaco isoladamente.

Como muitos mecanismos fisiopatológicos contribuem para a elevação da pressão arterial e a hipertensão é multifatorial, a combinação de agentes anti-hipertensivos com mecanismos de ação farmacológica diferente propicia bloqueio mais completo dos mecanismos pressóricos, com menor ativação ou neutralização dos contrarregulatórios.

Além disso, a hipertensão associa-se comumente a diversas comorbidades, como síndrome metabólica, diabetes melito, dislipidemia, distúrbios neuropsíquicos e outras. Em consequência, é relativamente frequente a utilização simultânea de vários medicamentos ou de polifarmácia. O conhecimento da farmacocinética e da farmacodinâmica dos diversos medicamentos utilizados e a potencialidade de interações benéficas ou não, dos anti-hipertensivos entre si e com outros medicamentos, são necessários para obter melhores resultados com menores efeitos colaterais.

Neste número da **Revista Brasileira de Hipertensão**, as interações e as associações das principais classes de medicamentos no tratamento da hipertensão arterial foram esmiuçadas por diversos autores que militam nessa área e por isso mesmo afeitos aos temas que lhes foram propostos. Estou certo de que esses artigos, que abrangem as diversas classes de anti-hipertensivos em uso atualmente, serão úteis a todos aqueles que tratam a hipertensão arterial e suas comorbidades, com o objetivo de atingir as metas pressóricas e minimizar os efeitos colaterais e as interações medicamentosas indesejáveis.